

ENTRE O ENSINO DA ARTE E O ENSINO DA FILOSOFIA: CONCEITO, FUNÇÃO, DESAFIOS E APROXIMAÇÃO

Data de submissão: 30/10/2024

Data de aceite: 02/01/2025

Joao Ferreira da Pascoa Filho

Janira Costa Carvalho

<https://lattes.cnpq.br/2004028986431656>

RESUMO: Entre o ensino da Arte e o ensino da Filosofia: conceito, função, desafios e aproximação. Aqui pretendemos abordar os conceitos e definições tanto da Arte quanto da Filosofia. Em um segundo momento partiremos para a reflexão que gira em torno da função e importância da arte e da filosofia para processo formativo do ser humano de forma significativa e, que se dá, principalmente, dentro do ambiente escolar. Em um terceiro momento iremos abordar os desafios que orbitam em torno do ensino da Arte e o ensino da Filosofia. Em um quarto momento abordaremos a relação interdisciplinar que pode haver entre o ensino da Arte e o ensino da Filosofia. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura, onde citamos para dar fundamentação à discussão, os seguintes aportes teóricos: Aranha (1990); Aspis (2004); Barbosa (1986); Chaui (2000); Gallina (2004); Frank (1960); Eisner (1991); Roeger (2013); Vilaça (2014), entre outros que aparecerão no corpo do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Filosofia. Ensino. Desafios

ABSTRACT: Between the teaching of Art and the teaching of Philosophy: concept, function, challenges and approximation. Here we intend to address the concepts and definitions of both Art and Philosophy. In a second moment, we will start the reflection that revolves around the function and importance of art and philosophy for the formative process of the human being in a significant way, and which takes place, mainly, within the school environment. In a third moment, we will address the challenges that orbit around the teaching of Art and the teaching of Philosophy. In a fourth moment, we will address the interdisciplinary relationship that may exist between the teaching of Art and the teaching of Philosophy. The methodology used was the literature review, where we cite the following theoretical contributions to support the discussion: Aranha (1990); Aspis (2004); Barbosa (1986); Chaui (2000); Gallina (2004); Frank (1960); Eisner (1991); Roeger (2013); Vilaça (2014), among others that will appear in the body of the text.

KEYWORDS: Art. Philosophy. Teaching. Challenges

1 | INTRODUÇÃO

Qual o conceito ou definição de Arte e de Filosofia que temos em nossa mente? Que importância tem a Arte e a Filosofia para o processo formativo? Que desafios tem enfrentado a Arte e a Filosofia em busca de espaço de reconhecimento perante a educação, o currículo e outras epistemologias? Que relação Arte e Filosofia podem manter para tornar agradável e eficiente o processo educativo? Estas indagações iniciais dizem muito daquilo que se seguirá em linhas abaixo.

Grosso modo, podemos dizer que a Filosofia é um ramo do conhecimento responsável por construir conceitos, que nos ajudam a partir do processo hermenêutico-interpretativo a buscar entendimento acerca do mundo, da realidade. Já a Arte, podemos traduzi-la como aquela que colabora com o ser humano na intenção de desenvolver o processo de criatividade e outras dimensões constitutivas próprias do humano. Seria uma outra forma também de traduzir o mundo, talvez de uma maneira que torna a mundanidade menos pesada, mais livre e leve.

Entretanto, no decorrer da história, Filosofia e Arte em se tratando de Currículo e espaço epistemológico sempre estiveram a margem, sendo desvalorizadas, tendo suas vozes caladas por um currículo conservador que sempre tentou menosprezá-las. Durante algumas fases da história foram esvaziadas de sentido, sendo consideradas apenas disciplinas complementares por parte de profissionais de outras licenciaturas. Sem serem vistas a partir de seu sentido e significado, de sua própria natureza educativa, em um processo de autonomia.

Para nos ajudar a fundamentar as análises e reflexões acerca da temática proposta, trazemos autores que se relacionam com nosso objetivo, como: Prendin (2009); Villaça (2014); Eisner (1991); Aranha (1990); Luckesi (1994), Aspis (2004); Rodrigo (2014); Chauí (2000); Cerlleti (2009); Roege e Kim (2013); Gallina (2004); Barbosa (1989); Frank (1960).

2 | ARTE E FILOSOFIA: ENTRE CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Iniciamos este tópico enfatizando a definição do que é Arte. De acordo com Prendin (2009), tanto a Arte como a Filosofia precedem de uma existência milenar. São conhecimentos dos mais antigos e que deram contribuições significativas para a existência de outros conhecimentos dos quais estão presentes hoje em nossa realidade.

Villaça (2014), diz que ao contrário daquilo que muitos pensam acerca da arte, ela não é algo abstrato, mas tem muito de concreto, pode até usar a abstração como ponto de partida, entretanto, vai além. O concreto está intimamente ligado a esse processo. Neste sentido, a autora exemplifica a relação de concretude através das cores, tintas, traços, gestos, palavras que são usados para a passagem da abstração à concretude. Cita em seu texto como produto final do processo de concretude da arte, a obra Guernica, painel pintado por Pablo Picasso em 1937, em que aparecem esses traços, que traduzem essa

relação de passagem.

Prendin (2009), a partir da visão da arte dentro da perspectiva metodológica triangular defendida por Ana Mae Barbosa, diz que dentro desta perspectiva o ensino de Arte colabora com o desenvolvimento da reflexão pelo processo apreciativo, tanto do ponto de vista histórico quanto do fazer artístico.

Jorge Coli, docente da UNICAMP, enfatizando acerca da função da arte diz que,

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem'. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. Entre a complexidade do mundo e a complexidade da arte existe uma grande afinidade. (COLI, 1995, p. 109 apud VILLAÇA, 2014, p. 75).

Eisner (1991), diz ainda que o aprendizado no âmbito artístico, não é simplesmente ter domínio acerca do ato de ver, mas vai além, está ligado a uma perspectiva que vislumbra a verdade. A arte colabora para com nossa abertura com o mundo, nos convida a fugir do “normal”, padronizado, nos leva a reconstrução de outras perspectivas. São pelas artes também que nos construímos como sujeitos autônomos, vislumbrando a realidade a partir de nossos próprios olhos e ouvidos.

Após a conceituação da Arte, partimos para a tentativa de conceituarmos a Filosofia. O que seria a Filosofia, esse tronco do conhecimento que é conhecido como a mãe de todos os ramos do conhecimento, de todas as ciências?

Poderíamos inicialmente dizer que a Filosofia é conhecida como “a arte de criar conceitos”, como propagada em vários escritos de Deleuze como em “*Diferença e Repetição*”. São eles, os conceitos criados pela filosofia acerca da realidade que nos ajudam a interpretá-la, a compreender seus fenômenos.

De acordo com Chauí (2000), a Filosofia epistemologicamente não é considerada uma ciência. Nem se encaixa dentro de nenhum ramo do conhecimento imposto pelo método científico moderno. Mas é uma reflexão crítica, sistemática, profunda, radical acerca da realidade. Isso inclui também reflexões, interpretações sobre os diversos ramos do conhecimento que compartilham da tentativa de entender a realidade e seus fenômenos.

Para Aranha (1990), a filosofia está presente em todos os cenários epistemológicos, prestando um grande serviço através da reflexão crítica, colocando em questão os fundamentos e a ação provindos daí. Neste sentido, a filosofia é um constante perguntar pelos fundamentos da realidade, pelos vários ramos do conhecimento que se prestam também a desvelar a realidade.

Segundo o pensamento de Luckesi (1994), a filosofia é uma forma de compreensão que se apresenta ao ser humano com o objetivo de lhe fazer entender a razão de sua

existência, seu significado, voltado também para um dever-ser, para forma como devemos agir no mundo em relação com outros seres humanos, rumo a construção de um mundo possível de ser habitável.

É exatamente a partir do conceito ou definição do que seja a Arte e a Filosofia que nos são dadas pistas da função e importância de ambas para a humanidade.

3 | ENTRE O ENSINO DA ARTE E O ENSINO DA FILOSOFIA: IMPORTÂNCIA E FUNÇÃO

A arte tem função e importância fundamental no que diz respeito as diversas questões que estão relacionadas à vida humana, entre elas, destacam-se a existencial e a educativa, que não vem do último século, pois de acordo com Prendin (2009), desde os primórdios da civilização que a arte dá condições para o ser humano ir ao encontro da expressão e comunicação, de maneira rudimentar, é verdade em seu início, mas sempre com sentido e significado.

Para os autores Roege e Kim (2013), em seu artigo traduzido para o português com o título *Por que precisamos de educação artística*, enfocam a importância da arte para educação do ser humano em várias dimensões, como por exemplo: dentro da dimensão universitária ou acadêmica, contribuindo com o desenvolvimento cognitivo e com o aumento do índice de aprendizagem; contribui com a possibilidade de múltiplas hermenêuticas acerca da realidade, levando também ao respeito a diferença interpretativa feita por outros indivíduos; colabora com o processo terapêutico, tendo como intenção a promoção do bem-estar, tanto físico quanto psicológico; contribui com os alunos que estão em situação de risco, onde a partir do ensino da arte conseguem ser reabilitados ou mesmo não seguem por um caminho sem volta; buscam pensamentos positivos. Além disso, consegue promover ou desenvolver no ser humano a criatividade, que a grosso modo, significa encontrar variadas ou múltiplas soluções para o mesmo desafio ou problema a ser resolvido.

O autor Lawrence K. Frank (1960), em seu artigo traduzido para o português como *Papel das artes na educação*, enfatiza que a missão da arte na educação ou sua tarefa voltada para a educação, atualmente está alicerçada no rompimento com os velhos pressupostos e conceitos que de acordo com o autor não contribuem de forma eficiente com a realidade. Novos conceitos precisam ser criados e colocados diante do atual cenário artístico e educacional que estamos vivenciando. Somente assim, a arte reivindicará seu lugar e o seu espaço perante outras Epistemologias e o próprio Currículo.

De acordo com o professor Eisner (1991) no artigo traduzido para o português como *O papel incompreendido das artes no desenvolvimento humano*, as artes além de outras funções importantes na vida do ser humano também abrem espaço para a compreensão de que elas proporcionam aos alunos outras concepções de realidade, outras cosmovisões de mundo. Artes estas que podem ser: a música, artes visuais, poesia, literatura. “Em

outras palavras, as artes ajudam os alunos a encontrar sua capacidade pessoal de sentir e imaginar”. É por meio das artes, segundo Eisner, que os alunos conseguem descobrir a si mesmos, a responder perguntas que as vezes podem passar toda uma vida sem resposta, como por exemplo: o que quero ser? Qual o sentido da vida? Que função posso exercer neste mundo? Por que estou aqui? Questionamentos também do campo da filosofia que através das artes podem encontrar respaldo para responderem as suas próprias perguntas.

Para Villaça (2014), não se pode separar a arte da educação, pois ambas são faces de um mesmo “processo transformador do indivíduo”. Para a arte-educação não há espaço privilegiado para o desenvolvimento do indivíduo, podendo ocorrer o processo transformador por meio da arte-educação em outros espaços como: assentamentos, aldeias, sindicatos, etc. Além disso, o arte-educador ultrapassa os muros acadêmicos, isto é, não necessariamente deve ser um licenciado na área, mas pode ser alguém com uma vasta experiência prática que consiga de fato realizar esse processo transformador.

De acordo com Barbosa (1996), citada por Prendin (2009), O ensino da arte deve ter por objetivo a integração da “História da arte, o fazer Artístico e a leitura da obra de arte”. Para Barbosa a História da arte não segue uma ordem cronológica, favorecendo a passagem da subjetividade a objetividade, á conteúdos artísticos, sendo assim, capaz de apresentar “critérios de classificação de estilo, de expressão e de relações sociais”.

No que versa acerca do ensino de filosofia, podemos começar perguntado sobre sua importância e função para o ser humano e a sociedade.

A filosofia desde sua origem sempre colaborou com a humanidade, colocando questionamentos acerca da realidade, da cotidianidade do ser humano, acima de tudo na esfera social, a partir de suas várias dimensões como: a criticidade, a reflexão, a constante construção e reconstrução do pensamento, com o objetivo de apresentar pressupostos consistentes para a formação do sujeito crítico, capaz de refletir sobre sua própria prática, sobre suas ações. Pois como dizia Sócrates, um dos grandes filósofos do período clássico, *“uma vida que não é refletida não merece ser vivida”*.

De acordo com Aranha (1990), a Filosofia exerce na realidade uma importância fundamental, pois é ela que consegue reunir as várias cosmovisões de mundo, providas da ciência e que acabam fragmentando o conhecimento acerca da realidade. É pela filosofia que conseguimos ir além da cotidianidade do mundo, do senso comum e, alargar o conhecimento sobre o que entendemos como realidade. A filosofia alimenta a reflexão por meio do constante questionar-se. Ela se propõe a ser um antídoto contra a estagnação mental. É um constante ir além, ir adiante.

No entendimento de Rodrigo (2014), não há dúvida da importância do ensino de filosofia para construção de um cidadão e uma sociedade que sejam alicerçados em valores democráticos, pois ela, a filosofia, carrega em sua estrutura constitutiva os meios adequados que podem formar cidadãos para a participação, para o espírito crítico e para o debate público. Dimensões *sine qua non* para a democracia.

Para Luckesi (1994), entre Filosofia e Educação existe uma relação que beira a naturalidade. A educação está voltada para a formação de novas gerações que formarão um determinado tipo de sociedade. Nestes termos, cabe a filosofia, questionar os valores, os pressupostos formativos que embasarão a formação destes jovens e, que modelo de sociedade queremos, que tipo de sistema político, econômico serve a esta sociedade.

Partindo deste ponto de vista, fica subtendido que o ensino de filosofia tem uma importante colaboração para a construção e reconstrução de valores, construção e reconstrução de conceitos que podem colaborar com uma sociedade que tenha como princípios fundamentais de funcionamento a igualdade, a fraternidade e a liberdade.

De acordo com a compreensão de Aspis (2004), O surgimento da filosofia vem como uma possível saída, uma compreensão acerca da realidade que ajudaria o ser humano a responder suas inquietações e resolver seus problemas concretos. Neste sentido, as aulas de filosofia têm a intenção de apresentar processos criteriosos, filosóficos para que assim os estudantes consigam fazer julgamentos, questionamentos que correspondam com a veracidade da realidade. Não somente questionar a realidade, mas através do pensamento autônomo e livre propor resoluções a seus problemas.

Para Cerletti (2009), o ensino de filosofia é compreendido como o “ensinar a filosofar”. Não basta apenas o professor de filosofia ter domínio da história da filosofia, mas, é estritamente necessário para que o ensino de filosofia seja significativo, a provocação, o convite a pensar, vislumbrar aquilo nos afeta na realidade, tentar compreendê-lo. O ensino de filosofia não se dá simplesmente como transmissão de conteúdo, mas como um desbravar os meandros do aprender a pensar por si mesmo, de forma livre e autônoma. O ensino de filosofia, dessa forma, deve ter como principal missão o ensinar a pensar.

No entanto, para que a Arte e a Filosofia possam consolidar sua função e missão, é necessário ultrapassar, superar desafios que os vêm acompanhando no decorrer do processo histórico.

4 | O ENSINO DA ARTE E O ENSINO DA FILOSOFIA: ENTRE O PROCESSO FORMATIVO E OUTROS DESAFIOS.

O ensino da arte e da filosofia no decorrer da história educacional sempre estiveram imersos em desafios, tanto de ordem curricular, quanto política e epistemológica. Sempre foram encontrados motivos para barrar suas atividades, seus exercícios voltados para o processo educativo.

O ensino de filosofia e o ensino de arte dentro do currículo, aliado ao contexto político e econômico, sempre foram vistos como complementação de carga horária de outras disciplinas, sendo lecionados seus conteúdos sem muito critério, rigor e domínio. Com uma carga horária que pouco permite aos profissionais destas áreas realizarem um trabalho que seja consolidado como qualidade. Sendo vistas como aquelas que não servem

aos objetivos financeiros, fins econômicos ou mesmo como eficientes qualificadores de mão-de-obra voltados para o mercado de trabalho.

A arte sempre teve que provar o seu valor, a que veio em meio ao processo histórico. Os autores Roege e Kim (2013) no artigo *Why we need arts education*, traduzido para o português como “Porque precisamos de Educação Artística”, relatam exatamente essa oscilação que ocorre dentro do processo histórico acerca da arte, mais especificamente neste texto, a educação artística. Pois, segundo eles, ocorre uma constante alternância no que trata a educação artística, que está ligada diretamente a questões de âmbito político e econômico, onde nessa sociedade industrializada, a educação deve estar direcionada para preparar mão de obra. A educação está voltada para o mercado de trabalho. A valorização da arte sempre esteve ligada as concepções educacionais, ao que se entende por inteligência e por aprendizagem. Desta forma, o currículo tanto das instituições escolares, quanto o currículo acadêmico foram esvaziados de sentido quando se tratava da educação artística.

Eisner (1991), faz uma análise acerca das várias ideias que orbitam em torno da arte, trabalhadas dentro do artigo traduzido para o português como *O papel incompreendido das artes no desenvolvimento humano*. De acordo com o autor essa incompreensão se origina em concepções tradicionais do que seriam mente, conhecimento e inteligência. Tal pensamento acabaria resultando no esvaziamento de conteúdo da arte e, por consequência, do propósito educativo que ela carrega.

Fica subtendido no texto de Eisner a sobreposição epistemológica por parte da ciência que desde seu desenvolvimento na idade moderna vem ditando o que é ou não válido, serve ou não como conhecimento acerca da realidade e para o desenvolvimento humano. Em tal assertiva fica evidente a tentativa de desqualificarem o conhecimento artístico.

O autor analisa em seu artigo, cinco pontos que contribuem com a crença de que a arte não colaboraria com o desenvolvimento humano. Os pontos analisados pelo autor são: 1- O pensamento conceitual requer o uso da linguagem; 2- A experiência sensorial é muito baixa na hierarquia das funções cognitivas; 3- A inteligência requer o uso da lógica; 4- Não envolvimento e distância são necessários para entender a verdade; 5- O método científico é o único caminho válido para a generalização.

No primeiro ponto o autor reflete sobre a crença de que sem o uso da linguagem de forma antecipada não haveria pensamento, cognição. No entanto, diz Eisner que a imaginação, a fantasia, a criatividade vem antes e são essenciais tanto para a construção da linguagem quanto para a construção do pensamento.

No segundo ponto é analisado a percepção humana do ponto de vista sensorial. Para Sócrates e seu discípulo Platão não deveríamos confiar nos órgãos dos sentidos, pois, principalmente para Platão, criador da teoria dos dois mundos, - traduzido como contraposição dos mundos, Inteligível e sensível, o mundo inteligível, seria onde se encontra a verdade, as ideias originais, o conhecimento seguro; e o mundo sensível, seria

onde se encontrariam as cópias, a doxa, a ilusão. Um mundo que mais nos afasta que nos aproxima da verdade.

No século XVII, René Descartes em uma de suas frases celebres afirmou: “*os sentidos nos enganam*”. Esta frase corrobora com a ideia de que os órgãos dos sentidos são falhos em relação a captação da verdade. A verdade só poderia ser captada através da razão. Logo, a Arte estaria classificada dentro do mundo sensível, da emoção, da ilusão, que não nos levaria a verdade.

O terceiro ponto analisa a relação entre a lógica e a obtenção do conhecimento. Pois ela – a lógica, tem uma função essencial para o uso da racionalidade; àquela que busca o conhecimento verdadeiro, através do uso da razão. Logo, perspectivas que tenham a intenção de colaborar com o desenvolvimento humano e com o conhecimento e não usufruem dos fundamentos da lógica, não devem ser levados em conta. O conhecimento construído pela arte está além da lógica, usufrui de uma metalinguagem que também consegue de sua maneira captar os fenômenos da realidade.

O quarto ponto analisa a dicotomia que vem sendo defendida pela tradição entre subjetividade e objetividade, entre razão e emoção. Logo, as artes estão voltadas para o nível das paixões, sentimentos, emoções, desviam a atenção do ser humano daquilo que seria fundamental - o desenvolvimento intelectual, obtido a partir de procedimentos rigorosos e criteriosos.

O quinto ponto analisa o método científico como aquele que constrói conhecimento, investiga sua validade, a partir do método criterioso, sistemático e rigoroso. E que a partir daí, consegue generalizar o conhecimento. Já as artes de acordo com a tradição não comungam de um caminho que provém dos moldes do método científico. Por isso, não são permitidas generalizações nas artes, mas somente trabalhos voltados para particulares. De acordo com essa concepção, as artes estão voltadas para a subjetividade e não para a objetividade.

Se analisarmos atentamente os argumentos sublinhados acima contra a Arte, têm como pano de fundo o conhecimento científico. A ciência construiu uma narrativa totalitária frente a outras epistemologias. Conseguiu transformar uma forma de interpretar o mundo em um meta-discurso, como discurso único, impedindo assim, o desenvolvimento de outras epistemologias, como no caso, a arte.

A autora Ana Mae Barbosa (1989), no artigo “Arte-educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras”, enfatiza a trajetória da arte-educação nos anos de chumbo até a redemocratização da sociedade brasileira, trazendo o constante embate entre os arte-educadores por espaço na educação, por mais abertura dos cursos de pós-graduação *strictus sensus*, por mudanças quanto ao olhar ofuscado lançado a arte – vista como sem conteúdo próprio para formação do aluno naquele momento, valorização da arte no currículo brasileiro e mais autonomia em suas decisões.

Assim como o conhecimento artístico, o conhecimento filosófico carrega em seu

contexto histórico muitos desafios.

O primeiro desafio que podemos citar seria aquele enfatizado por Gallina (2004), que viria com a dificuldade em entender o que seria a atividade filosófica dentro da perspectiva de seu ensino. Será que os conteúdos filosóficos traduzem sua missão? A filosofia como ensino tem tido a tendência de partir da história da filosofia para expressar a missão do ensino da filosofia, no entanto, focar apenas neste ponto como atividade filosófica seria no pensar da autora um equívoco que ofuscaria algo de fundamental na atividade filosófica: a construção de conceitos, o surgimento do novo.

Outro desafio que se coloca diante do ensino de filosofia está no processo formativo. As universidades ainda têm dificuldades em separar uma formação para o professor de filosofia que atue na educação básica e para o pesquisador em filosofia. Em sua grande maioria formam pesquisadores, especialistas e não profissionais que atuem com sucesso na educação básica. A esse respeito nos assevera Gallo no prefácio do livro *Filosofia em sala de aula* de 2014, de Lídia Maria Rodrigo, que a formação voltada para o professor de filosofia quando acontece é graças ao esforço e mérito de professores universitários de disciplinas como “metodologia do ensino de filosofia” e/ou “prática de ensino em filosofia/ estágio supervisionado”, de forma isolada nas instituições em que trabalham. Ou então acabam ficando a vontade do próprio universitário, que, quando se vê em sala de aula, acaba agindo de forma intuitiva, tendo como modelos a serem imitados e modelos a serem recusados seus professores, sua própria experiência colhida no meio universitário como discente.

A Filosofia e seu ensino vêm da oscilação de sua presença no currículo oficial, relacionado diretamente a questões de ordem política. Seu ensino passou muito tempo fora do currículo oficial da educação brasileira, tornando-se, por isso, sua inserção na educação básica, especificamente, no nível médio, na opinião de alguns estudiosos prejudicada.

Outro desafio que se apresenta ao ensino de filosofia é o público atendido pela educação básica, em sua grande maioria provinda das classes menos favorecidas socialmente, trazendo consigo problemas de teor educativo e dificuldades de aprendizagem que se traduzem em questões como: dificuldade de interpretação; problemas na escrita; e dificuldade com leitura.

Antes da abertura da escola pública as classes menos favorecidas, a escola era voltada para os filhos da elite, que por terem hábitos e convivências mais próximas do conhecimento e de sua apreensão, chegavam a escola e ao encontro com o ensino de filosofia mais preparados.

Como vimos, o ensino da arte e o ensino da filosofia, no decorrer da história tem enfrentado desafios que colocam a prova sua razão de ser, sua existência como atividade, como ensino.

Dentro do contexto educativo, Arte e Filosofia, tem trabalhado juntas dentro daquilo que chamamos de relação interdisciplinar. Essa relação pode trazer grandes contribuições

junto ao processo educativo, tornando-o significativo, prazeroso e agradável.

5 | SOBRE A ARTE E A FILOSOFIA: APROXIMAÇÕES

Não estamos vivendo uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Uma nova geração se presentifica, tendo como uma de suas principais características, a imagem. Esta sociedade é chamada de sociedade da imagem.

Além do contexto de grandes desafios que veio com o processo de redemocratização da sociedade e, junto com ela, a escola pública de massa, temos a imagem como grande desafio.

Os estudantes desse novo tempo não suportam somente a presença de textos em sala de aula, leituras densas, professores expondo oralmente o que aprenderam, como se isso fosse o suficiente como elo de ligação entre o ensinar e o aprender. Os estudantes deste novo tempo desejam algo mais em sua aprendizagem.

Em se tratando do ensino de filosofia, arte do conceito, torna-se um desafio ainda maior sua atividade perante esse novo tempo em que predomina a escola de massa e seus desafios, sobretudo, a imagem. Neste sentido, as artes podem contribuir, sobremaneira, com o ensino de filosofia. Dentre elas, podemos destacar, por exemplo, as artes visuais contemporâneas que podem dar uma contribuição significativa como possível suporte metodológico que torne o ensino de filosofia, uma questão agradável, que faça sentido a sua existência, que corresponda com as expectativas impostas ao atual contexto de aprendizagem.

De acordo com Prendin (2009), o ensino de filosofia usando de uma metodologia que prima pelo suporte do diálogo, consegue manter um elo de ligação com outros campos do conhecimento. Neste sentido, a linguagem artística, partindo de referências que contemplam: expressão, história e temáticas e, estando relacionada diretamente a Estética apresenta uma relação direta com a Filosofia. Assim sendo, é de suma importância cultivar a aproximação entre Arte e Filosofia, manter uma relação de proximidade, pois no que trata ao processo ensino-aprendizagem, ambas só têm a ganhar, tornando o processo mais significativo, enriquecedor pelas vias da crítica e da sensibilidade. Ainda sobre o assunto a autora nos comenta que,

Metodologias que traduzam estes olhares da Filosofia e da Arte no âmbito da educação formal e, em específico, no Ensino Fundamental, podem aproximar as possibilidades do pensar, construído pelo refletir, e as formas de expressão. Estas duas áreas, distanciadas em alguns momentos, pelo próprio currículo, pela formação dos profissionais e por práticas pedagógicas, possuem afinidades conceituais, e pensadores de educação preocupam-se em uni-las num resgate da formação integral, em parcerias ou propostas interdisciplinares e, utilizando um termo em comum, criativas. (PRENDIN, 2009, p. 5123)

O conhecimento artístico e o conhecimento filosófico prescindem das humanidades, ou Ciências Humanas. Por isso, são consideradas áreas de conhecimento afins, trabalham com conceitos que se coadunam, mantêm uma relação de proximidade. Atualmente temos visto falar muito a respeito do termo interdisciplinaridade. Este termo contempla tanto as áreas afins, quanto as transcende, vai ao encontro de outras epistemologias, de outros campos de saber.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o ensino de arte e o ensino de filosofia sejam fundamentais para o processo educativo e para o desenvolvimento humano. Pois a arte torna nossa vida mais agradável, interpreta a realidade embasada na criatividade, na imaginação e na fantasia. Aguça no ser humano a emoção, a sensibilidade e a inspiração, a partir daí, levando o indivíduo também a posturas reflexivas e críticas.

A filosofia consegue através da constante indagação sobre a realidade evitar o processo de estagnação do pensamento e, em contrapartida, constrói, desenvolve o conhecimento através de processos rigorosos, críticos e reflexivos.

É cada vez mais proeminente a necessidade de se realizar intervenções epistemológicas na realidade, principalmente dentro do contexto educativo, de forma interdisciplinar, onde cada campo do conhecimento entenda e respeite a importância de cada um dentro da construção do conhecimento de forma relacional.

Entretanto, esse papel, essa função da Arte e da Filosofia nunca foi fácil de ser realizada, pois no decorrer do processo histórico, forças contrárias sempre agiram para impedir que desempenhassem seus objetivos propostos, por força do contexto político, econômico e formativo.

O atual cenário educativo está a nos mostrar que essas forças, outrora, contrárias ao ensino de filosofia e ao ensino de arte estão mais vivas do que nunca. Movimentos de desmonte da LDB 9394/96, que deu possibilidades para disciplinas como Filosofia, Arte e Sociologia exercerem seu ofício com maior liberdade, espaço e eficiência estão ameaçadas de ficarem fora do currículo da educação básica, pois de acordo com o contexto político presente, não correspondem ao cenário econômico/ financeiro do momento. Além disso, de acordo com algumas vozes, ainda estão a serviço de uma ideologia de esquerda. Denominam de badernas e algazarras nos espaços públicos de universidades e escolas, o que deveriam está chamando de direito à liberdade de expressão, luta por direitos sociais, posturas críticas por mudanças significativas dentro do espaço sócio-político-cultural.

O ensino de arte e o ensino de filosofia precisam ser reconhecidos pela importância e função. Deve haver, para isso, uma nova concepção de Currículo, de sociedade fundada em princípios democráticos como a: liberdade, fraternidade e igualdade.

Ambas, filosofia e artes estão com um grande desafio pela frente: provar mais uma

vez que seus conhecimentos, seu ensino, são de fundamental importância para a garantia de direitos, para a construção de uma sociedade regida pelos fundamentos democráticos, e acima de tudo, para a construção do conhecimento, fincado no rigor, na crítica e na reflexão.

Não tivemos como intenção aqui, dar conta das discussões que giram em torno da temática, mas fertilizar outras discussões que possam orbitar em seu entorno. Temos consciência de que é uma ampla e rica discussão que carece de mais análises e reflexões futuras.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3ª ed. rev. ampl. - São Paulo, Moderna, 1990.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de Filosofia**: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. Cad. Cedes, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez.2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 20 jan. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**: Realidade hoje e expectativas futuras. Estudos Avançados, tradução: Sofia Fan, 1986, p. 171-182.

CERLLETI, Alejandro. **O Ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009 (Coleção Ensino de Filosofia).

CHAUÌ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

EISNER, Elliot W. **La incomprendida función de las arts en el desarrollo humano**. Facultad de educación de la Universidad Complutense, de 28 a 30 de octubre de 1991, p. 15-34.

FRANK, Lawrence K. **National Art Education Association**. Vol. 1, nº 2 (Spring, 1960), p. 26-34.

GALLINA, Simone. **O ensino de filosofia e a criação de conceitos**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 359-371, set/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 20 jan. 2020.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Filosofia da Educação**. São Paulo – Cortez, 1994 (Coleção Magistério).

PRENDIN, Andrea. **A metodologia de Filosofia e da Arte no Ensino Fundamental**. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR. p. 5123-5135.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores associados, 2009 – (coleção formação de professores).

ROEGE, Gayle B.; KIM, Kyung Hee. **Empirical studies of the arts**. The College of William and Mary. v. 31 (2), 2013, p. 121-130.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. **Arte-educação**: a Arte como metodologia educativa. Revista Cairu, Ano 03, n. 04, p. 74-85, Jul/Ago 2014, ISSN 22377719.